

<b>Índice geral</b>	
<b>Agradecimentos</b>	<b>I</b>
<b>Resumo</b>	<b>II</b>
<b>Abstract</b>	<b>III</b>
<b>Índice de gráficos</b> .....	2
<b>Índice de figuras</b> .....	2
<b>Índice de quadros</b> .....	3
<b>Índice de anexos</b> .....	3
<b>1. Introdução</b> .....	4
<b>2. Contextualização da intervenção</b> .....	5
2.1 Caracterização do meio envolvente .....	5
2.2 Caracterização da instituição .....	6
2.3 Caracterização da sala.....	7
2.4 Caracterização do grupo .....	7
<b>3. Perspetivas educacionais</b> .....	8
<b>4. Intervenção</b> .....	10
4.1 Problemática/área de intervenção .....	10
4.2 Enquadramento teórico da problemática/área de intervenção .....	12
4.3 Prática Desenvolvida .....	14
4.4 Atividades mais significativas em contexto de estágio .....	23
<b>5. Reflexão crítica</b> .....	29
5.1 Resultados alcançados .....	29
5.2 Avaliação diagnóstica e final .....	30
5.3 Validação de resultados .....	33
<b>6. Conclusão reflexiva</b> .....	34
<b>Referências bibliográficas</b> .....	37
<b>Anexos</b> .....	38

## Índice de gráficos

Gráfico I – Áreas de Conteúdo trabalhadas .....	22
---	----

## Índice de figuras

Fig. 1 – Atividades de estímulos sensoriais.....	15
Fig. 2 – Atividades de estímulos sensoriais.....	15
Fig. 3 – Atividade adaptada.....	16
Fig. 4 – Pesca em equipas.....	17
Fig. 5 – Diálogo em grupo.....	17
Fig. 6 – Atividade do dia e da noite.....	18
Fig. 7 – Interação com menino com Necessidades Educativas Especiais (NEE's)...	19
Fig. 8 – Atividade sobre o dia e a noite (sombras).....	19
Fig. 9 – História com avental.....	20
Fig. 10 – Avental com história completa.....	21
Fig. 11 – Cartões apresentados aos grupos.....	25
Fig. 12 – Cartões apresentados aos grupos.....	25
Fig. 13 – Atividade de escrita.....	26
Fig. 14 – Atividade de escrita.....	26
Fig. 15 – Frases do poema.....	27
Fig. 16 – Frases do poema.....	27
Fig. 17 – Crianças a construir o poema.....	28
Fig. 18 – Crianças a construir o poema.....	28
Fig. 19 – Crianças a construir o poema.....	28
Fig. 20 – Associação e escrita do nome de planetas e corpos celestes.....	29
Fig. 21 – Associação e escrita do nome de planetas e corpos celestes.....	29
Fig. 22 – Os nomes dos planetas e corpos celestes.....	29
Fig. 23 – Os nomes dos planetas e corpos celestes.....	29
Fig. 24 – Os nomes dos planetas e corpos celestes.....	29
Fig. 25 – Os nomes dos planetas e corpos celestes.....	29
Fig. 26 – Os nomes dos planetas e corpos celestes.....	30
Fig. 27 – Diálogo em grande grupo.....	30

## **Índice de quadros**

Quadro 1 - Dados da aplicação no final do ano com base na checklist da área de intervenção prioritária.....	31
---	----

## **Índice de anexos**

Anexo I – Tabela referente ao pessoal docente e não docente.....	38
Anexo II – Planta da Sala Vermelha.....	39
Anexo III – Registo Fotográfico da Sala Vermelha.....	40
Anexo IV - Despacho Conjunto n.º 268/97, de 25 de Agosto.....	41
Anexo V – Avaliação dos Espaços e Materiais em Jardim-de-Infância.....	42
Anexo VI – Grelha de constituição do grupo de crianças.....	43
Anexo VII – Lista de Verificação de Competências Gerais (inicial).....	44
Anexo VIII – Planificação Curricular Anual.....	45
Anexo IX – Lista de Verificação de Competências: Linguagem Oral e Abordagem à Escrita (inicial).....	46
Anexo X – Lista de Verificação de Competências Gerais (final).....	47
Anexo XI - Lista de Verificação de Competências: Linguagem Oral e Abordagem à Escrita (final).....	48

## **1. Introdução**

Este relatório tem como objetivo apresentar o portefólio realizado durante o estágio na valência de pré-escolar no presente ano letivo, de Outubro de 2013 a Junho de 2014, no âmbito do Mestrado de Qualificação para a docência em Educação Pré-Escolar.

Para um melhor desenrolar de atividades assim como de atitudes a ter ao longo do estágio pudemos contar com o auxílio da Mestre Amélia Mestre e da Dr<sup>a</sup> Ana Ferreira, que nos acompanham tanto no ISEC em aulas de apoio ao estágio assim como em visitas às instituições onde os estágios são desenvolvidos.

Ao contrário de anos anteriores, em que foram criados dossiês de estágio como registo do período de estágio, este ano contamos com a construção de um portefólio de estágio no qual iremos fazer recolha e compilação de caracterizações, relatórios, planificações, entre outros, que futuramente nos irão ajudar na avaliação do nosso estágio assim como das nossas atitudes, quer a nível profissional enquanto educadoras estagiárias como a nível académico.

Assim, e ao longo de todo o relatório, iremos apresentar e fundamentar a nossa área prioritária de ação, traçada após uma avaliação inicial a um grupo de crianças entre os 4 e os 6 anos de idade, e ainda, iremos apresentar o contexto da nossa intervenção, as perspetivas educacionais estruturadas para este ano de estágio, assim como iremos fundamentar a nossa problemática desenvolvida, e ainda, a metodologia aplicada.

Relativamente à nossa intervenção, apresentaremos como conduzimos a nossa prática educativa expondo algumas atividades realizadas em sala, assim como um conjunto de atividades que achámos mais significativas e, por fim, apresentaremos os resultados obtidos através de uma nova avaliação ao grupo.

## **2.Contextualização da intervenção**

A nossa intervenção teve por base um estágio curricular com a duração de todo o ano letivo numa Instituição com a valência de Jardim-de-Infância.

Esta instituição é de regime privado, abrangendo as idades dos 4 meses aos 5/6 anos, e funciona segundo uma pedagogia e projeto curricular próprio.

Antes de qualquer tipo de intervenção, foi necessário observar e caracterizar todo o ambiente educativo onde o estágio foi realizado. Desta forma, caracteriza-se o meio, a instituição, a sala e o grupo onde o estágio foi realizado.

### **2.1 Caracterização do meio envolvente**

Para uma melhor prática educativa, é importante conhecer o meio onde a instituição se insere de modo a estruturar um plano de atividades mais rico assim como conhecer os hábitos e costumes da população com quem vamos trabalhar, pois segundo as orientações curriculares “ o meio social envolvente (...) tem também influência, embora indirecta, na educação das crianças”

A Instituição em questão situa-se na freguesia e concelho de Odivelas. No concelho podemos encontrar diferentes classes económicas, dependendo da zona onde nos encontramos.

Relativamente à Urbanização Colinas do Cruzeiro, esta trata-se de uma urbanização relativamente recente e tornou-se mais populacional depois de ter surgido a grande zona comercial que encontramos à saída da CRIL. É uma urbanização, sobretudo, habitacional mas nela podemos encontrar ainda vários cafés, bancos, escolas de condução, cabeleireiros, supermercados, lojas de chineses, bares, restaurantes, creches, escolas públicas, ginásio, campo de futebol, parques infantis, ruas com grande afluência automóvel, e é ainda uma zona com poucos espaços verdes.

À disposição dos habitantes do concelho encontramos a polícia, os bombeiros, a biblioteca D. Dinis, um pavilhão gimno-desportivo, várias escolas (primárias, básicas e secundárias), museus, centros de espetáculos, parques infantis, zonas verdes, piscinas municipais e uma vasta rede de transportes.

## 2.2 Caracterização da instituição

Esta instituição abrange as valências de berçário, creche e jardim-de-infância, e apresenta os seguintes espaços: receção, um Gabinete da Direcção, seis salas de atividades, uma casa de banho adaptada às crianças, um refeitório comum, uma cozinha, um vestiário, uma casa de banho para os adultos e adaptada a pessoas com dificuldades motoras e ainda um recreio exterior.

Relativamente à equipa que a instituição oferece, esta diz respeito ao conjunto do pessoal docente e não docente (Anexo I). Além do pessoal apresentado na tabela em anexo, existe ainda uma cozinheira. É também de salientar que todo o pessoal presente na instituição possui a formação académica exigida para a evolução da carreira profissional.

A Instituição trabalha de acordo com um Projeto Educativo, um Projeto Curricular de Escola e, ainda, Projetos Curriculares de Turma que são comuns entre as salas de Berçário, Creche e Jardim de Infância, e dispõe do seguinte horário:

	Berçário	Sala Azul	Sala Laranja	Sala Amarela	Sala Verde	Sala Vermelha
07h30				Acolhimento		
08h00	Acolhimento			Acolhimento		
08h30	Acolhimento		Acolhimento	Acolhimento		
09h00	Acolhimento		Acolhimento	Acolhimento		Acolhimento
09h30	Atividades dirigidas					
10h00		Recreio	Recreio	Ballet		
10h30	Higiene			Recreio	Atividades dirigidas	
11h00	Almoço			Higiene	Recreio	
11h30	Higiene			Almoço	Higiene	
12h00	Sesta			Higiene	Almoço	
12h30	Sesta				Higiene	
13h00/ 15h00					Sesta	Atividades livres
15h00	Lanche	Higiene			Atividades livres	
15h30	Lanche e Higiene				Atividades Livres	
16h00	Atividades Livres / Recreio			Higiene	Lanche	
16h30	Higiene e Atividades Livres			Recreio	Higiene e Recreio	
17h00				Higiene		
18h00	Atividades Livres					
18h30						
19h00						
19h30	Fecho da Instituição					

### 2.3 Caracterização da sala

Este ano, a prática foi desenvolvida na sala Vermelha – “Os Marcianos” que abrange a idade dos 4/5 anos. Este grupo é assim denominado devido ao projeto curricular de sala que foi estruturado para este ano letivo.

A sala Vermelha é a maior sala que se encontra na Instituição, com cerca de 60m<sup>2</sup>, por ser também a sala que abrange duas idades, as dos 4 e as dos 5 anos. Está dividida por seis áreas diferentes: construções, tapete, casinha, biblioteca, jogos e expressão plástica (Anexo II) e ambas estão estruturadas de modo a corresponder a todas as necessidades das crianças que a ocupam (Anexo III); conforme o despacho conjunto nº268/97, de 25 de Agosto (Anexo IV)

Na sala encontramos: uma casa de banho de crianças, uma casa de banho de adultos, uma despensa para arrumos, quatro móveis distribuídos pelas áreas do tapete, da expressão plástica, da biblioteca e dos jogos, três mesas distribuídas em dois: uma na área dos jogos e outras duas na área da expressão plástica sendo esta utilizada para a realização da maior parte das atividades, cabides e catres (Anexo V).

Este projeto abrange duas áreas distintas: os Oceanos e o Universo. É esperado, assim, que as crianças conheçam o meio e o mundo que as rodeia.

É do conhecimento geral que para uma boa prática educativa é importante ter uma sala com um bom ambiente para que essa prática seja desenvolvida com o maior número de condições possível, pois “os espaços de educação pré-escolar podem ser diversos, mas o tipo de equipamento, os materiais existentes e a forma como estão dispostos condicionam, em grande medida, o que as crianças podem fazer e aprender”, como podemos verificar nas Orientações Curriculares.

### 2.4 Caracterização do grupo

É um grupo constituído por cerca de 14 crianças que se dividem em seis crianças do sexo feminino e oito crianças do sexo masculino, sendo que uma destas crianças de sexo masculino possui necessidades educativas especiais (NEE). (Anexo VI)

Duas destas crianças fazem no presente ano os 6 anos de idade estando prontas para iniciarem o seu ciclo de estudos no mês de Setembro deste mesmo ano. As restantes crianças começaram, desde Setembro, a completar os 4 anos de idade.

São crianças de famílias com uma estrutura financeira média alta e nenhuma delas apresentam défices de higiene ou aspectos de maus-tratos.

Em relação a elementos mais práticos, estas crianças no início do ano letivo apresentavam também algumas dificuldades relativamente à abordagem da escrita. Existiam crianças que não sabiam ainda escrever o próprio nome. O domínio da escrita tem evoluído ao longo destes meses iniciais do ano letivo mas existem ainda crianças que têm dificuldades em respeitar as regras da escrita (principalmente em questões de lateralidade) ou até mesmo no simples ato de pegar na caneta ou no lápis (não apresentando domínio na motricidade fina).

Relativamente à linguagem oral das mesmas, a Educadora Cooperante referiu ainda, e também se pode observar diretamente, que existem crianças que possuem já um grande domínio na linguagem oral, assim como um registo elevado de vocabulário adquirido, ao contrário de algumas que apresentam um registo oral “abebezado” muito provavelmente “*por causa dos desenhos animados da actualidade*” (palavras ditas pela Educadora Cooperante que refere que os são os próprios desenhos animados que são vistos com grande frequência que não ajudam em nada ao desenvolvimento da linguagem oral).

### **3 Perspetivas educacionais**

Podemos relacionar as perspetivas educacionais com as intenções que o educador apresenta ao longo da sua prática para que, desta forma, consiga responder às necessidades que o grupo manifesta.

Estas intenções, segundo as Orientações Curriculares da Educação Pré-Escolar exigem “que o educador reflita sobre a sua ação e a forma como adequa às necessidades das crianças e, ainda, sobre valores e intenções que lhes estão subjacentes.” (OCEPE, 1997: 93)

Todas estas intenções educativas têm de estar de forma explícita em todas as atividades, e como tal, é preciso realizar um conjunto de reflexões, planear, atuar e avaliar as intervenções de forma a perceber se as necessidades manifestadas anteriormente pelo grupo estão, ou não, a ser tidas em conta.

Para tal, é necessário também conhecer o grupo de crianças, por um lado os seus interesses, necessidades e níveis de desenvolvimento, e por outro, o meio no qual o mesmo está inserido, para que a ação pedagógica seja a mais adequada.

Durante os meses de observação, pudemos verificar as necessidades, quer do grupo, quer de cada criança individualmente, quais as suas áreas preferidas, as suas

dificuldades a nível das diferentes áreas de desenvolvimento e as intenções da educadora, para assim integrar a prática pedagógica ao trabalho já desenvolvido pela educadora, respeitando os seus métodos de trabalho. (Anexo VII)

Para que as necessidades das crianças sejam satisfeitas, sentimos necessidade de criar um ambiente de aprendizagens ativas, isto é, a criança é a principal construtora do seu processo de aprendizagem. Como tal, é através dos seus conhecimentos já adquiridos, e pelas suas experiências diretas, que a criança constrói “o conhecimento que as ajuda a dar sentido ao mundo” (Hohmann & Weikart, 2011:5).

Nesta perspetiva, é importante que sejam abordadas todas e quaisquer áreas de conhecimento, pois segundo School Curriculum and Assessment Authority (1997, cit in Siraj-Blatchford, 2004: 13), “ as (...) áreas de aprendizagem também fornecem a oportunidade de tratar aspetos importantes do desenvolvimento espiritual, moral, social e cultural das crianças”.

Relativamente à Formação Pessoal e Social, a intenção prende-se com a aquisição de valores morais, cívicos e espirituais, de modo a que a criança se torne cidadã consciente e solidária. Também a autonomia da criança deve ser tomada em consideração, visto ser uma competência que a torna consciente das suas atitudes e experiências.

É através da área da Matemática que a criança constrói o seu saber realizando atividades durante o dia a dia, tendo consciência, sobretudo, do espaço, tempo e raciocínio lógico.

Pretende-se com o Conhecimento do Mundo que a criança viva novas experiências através da descoberta e exploração do mundo que a rodeia.

Nas áreas das Expressões, a criança deve contactar com vários materiais, explorando-os de forma a tomar consciência de si próprio com objetos.

Por fim, e como área de intervenção prioritária, a Linguagem Oral e Abordagem à Escrita deverá oferecer à criança a oportunidade de contactar com vários códigos escritos e orais. Nesta área, pretendemos fomentar, por um lado, os hábitos de leitura, e por outro, os hábitos de escrita de modo a que haja um bom desenvolvimento da criança a nível linguístico e escrito. (Anexo VIII)

Para que haja uma boa intervenção educativa, quer da parte da educadora cooperante, quer da nossa parte como estagiárias, é importante não nos esquecermos que o clima educativo deve corresponder a um clima rico e estimulante, isto é, os espaços distintos da sala devem proporcionar às crianças ambientes lúdicos e ricos de

forma a que estas consigam desenvolver em si capacidades e competências enquanto brincam livremente.

Assim, os espaços e materiais devem estar organizados segundo as necessidades e interesses das crianças, pois segundo Cardona (1992: 9) “a criança aprende sobretudo através da ação/experimentação, sendo fundamental proporcionar-lhe um ambiente rico e estimulante, sendo também sublinhada a importância de existir uma organização espaço-temporal bem definida que permita à criança situar-se e funcionar autonomamente dentro da sala.”

Segundo Hohmann & Weikhart (2011) “um clima de apoio interpessoal é essencial para a aprendizagem ativa, porque esta é, basicamente, um processo social interativo.” Assim, pretendemos ainda que ao longo de toda a intervenção pedagógica as relações adulto-criança sejam tidas em conta, favorecendo os momentos partilhados por ambos, assim como as relações criança-criança procurando o bem-estar e segurança do outro.

## **4 Intervenção**

### **4.1 Problemática/área de intervenção**

Após algumas observações, durante as primeiras semanas de estágio, foi fácil verificar que o grupo apresenta algumas dificuldades no que respeita à linguagem, tanto escrita como oral. (Anexo IX)

Todos nós, enquanto seres humanos em pleno estado de desenvolvimento, e ainda que com ou sem intenção, estamos expostos (desde o início da nossa vida) ao simples ato de comunicar, quer através da escrita quer através da oralidade.

Mas qual a importância da linguagem oral e escrita numa criança na idade de pré-escolar? Segundo vários estudos realizados, é a partir dos 3/ 4 anos de idade que a criança domina minuciosamente a linguagem, daí que haja uma grande evolução na linguagem oral de uma criança quando esta é exposta com regularidade a diversas conversas ou interações verbais.

Assim, “o ambiente onde ocorrem as primeiras vivências escolares é muito importante para a criança e irá condicionar todas as suas aquisições” (Rebelo, 1990, p. 9), ou seja, é através da interação social que a criança irá desenvolver as condições propícias à aquisição da linguagem oral e escrita.

Segundo Garton e Pratt (1998), “o desenvolvimento da linguagem escrita está ligado ao desenvolvimento da linguagem oral. Assim o desenvolvimento da linguagem escrita influencia a habilidade da linguagem oral, ou seja uma nova estrutura e função da língua são apreendidas para que se possa escrever, o que por sua vez, é adotado na fala”.

Com isto, a problemática incidiu então sobre a importância da leitura e da escrita na educação pré-escolar, pelo que é também importante saber que “a linguagem oral adquire-se, é certo, mas também se deve aprender, isto é, deve ser cultivada e enriquecida, a fim de preparar uma “instalação” ulterior em “solo” firme da leitura e da escrita” (Pinto, 1998, p.128)

Desde o início do estágio que pudemos assistir a algumas atividades que envolveram discussão de temas em grande grupo e de seguida o registo dos mesmos através da linguagem escrita, ou seja, o registo escrito pelas crianças das palavras-chave que se relacionam com o tema anteriormente abordado. Outro ponto também observado no período inicial do estágio foi o fato de o grupo frequentar pouco a área da biblioteca. Esta apresenta também alguns pontos negativos, como a ausência de livros.

Neste sentido, apresentaremos algumas estratégias de melhoramento do espaço e sugestões de atividades para colmatar estas necessidades sentidas pelas crianças.

Uma das estratégias a utilizar na sala prende-se com o melhoramento da área da biblioteca. Abordando o tema da problemática identificada, a importância da linguagem oral e escrita na educação pré-escolar, uma das alterações que propusemos fazer na sala foi a promoção de diálogos em grande grupo para tomar certas decisões quanto à realização de trabalhos ou esclarecimento de dúvidas, trabalhando, assim, por um lado a linguagem, e por outro a expressão plástica, o conhecimento do mundo (pela revisão dos assuntos já abordados) desenvolvendo assim as competências da criatividade, do à vontade no uso da linguagem oral, a prática da escrita, o aprofundamento de temas e a transversalidade das áreas de conteúdo.

Outra estratégia vai ao encontro da hora do conto. Neste sentido, é também importante desenvolver esta área, uma vez que o grupo apresenta um vocabulário pobre. Assim, esta seria uma das estratégias para a aquisição de novo vocabulário tornando assim o diálogo das crianças mais rico, quebrando também o constrangimento que sentem em comunicar.

Outro ponto importante que se tentou implementar foi a criação de uma nova área – a Área da Escrita. Esta seria uma área em que as crianças teriam à sua disponibilidade vários materiais de escrita para utilizar sempre que desejassem.

Existiam ainda algumas crianças que não reconheciam nem sabiam o nome das letras. Foi também apresentada a sugestão da criação de jogos em que se utilizasse o reconhecimento não só das letras mas também como o reconhecimento de algumas palavras relativas, mais uma vez, aos temas abordados. A ideia era que as crianças lidassem de uma forma diferente com o alfabeto não sendo uma tarefa rigorosamente trabalhada mas que o grupo brincasse com as letras.

Então, foi dada a ideia da construção de diversos jogos como o dominó, loto, jogo da memória, entre outros, em que desta forma se possa brincar com as letras e ao mesmo tempo que as crianças, que possuem ainda algumas dificuldades, comecem assim a reconhecê-las.

#### 4.2 Enquadramento teórico da problemática/área de intervenção

Tal como foi referido anteriormente, a problemática apresentada está diretamente relacionada com a linguagem oral e abordagem à escrita, sendo neste ponto aproveitado para justificar a importância desta mesma área, em contexto de jardim de infância.

“A aquisição da linguagem é um aspeto crucial do desenvolvimento cognitivo” (Papalia, Olds & Feldman, 2001), “pois é, provavelmente, o mais impressionante empreendimento que o ser humano realiza durante a infância” (Sylviane Angéle Rigolet, 2000). Como tal, durante o tempo de intervenção foram desenvolvidas várias atividades que englobassem todos os domínios desta mesma área, nomeadamente a consciência fonológica, o reconhecimento e escrita de palavras, o conhecimento das convenções gráficas e, ainda, a compreensão de discursos orais e interação verbal.

É crucial que a criança passe por um processo reflexivo sobre a oralidade, bem como pelo treino da capacidade de segmentação da palavra, pois a aprendizagem da escrita e da leitura não se desenvolve de forma natural como a aprendizagem da fala (Alves, Costa & Freitas, 2007).

Neste sentido, o desenvolvimento da consciência fonológica apresenta-se como um fator importante no desenvolvimento da linguagem, sendo que o educador deverá promover aprendizagens segundo este domínio, como por exemplo a produção de rimas e segmentação silábica, o que permite a exploração de palavras e a sua constituição, bem como a sua relação.

Na produção de rimas, o educador deverá ter a preocupação de procurar palavras de fácil interpretação para as crianças, bem como palavras que possuam uma terminologia

idêntica. No que diz respeito à segmentação silábica, é de referir que Sim-Sim, Silva & Nunes (2008: 49) a enquadraram nos tipos de tarefas que permitem avaliar a consciência fonológica, constituindo-se como uma tarefa de contagem de sílabas, “ (...) em que se pede às crianças que contem as sílabas ou os fonemas de palavras ditas oralmente”.

No domínio do reconhecimento e escrita de palavras, o educador deverá ter como objetivo introduzir a escrita de forma lúdica e natural, proporcionando um ambiente facilitador e encorajador da produção da escrita, assim como estimular e apoiar as tentativas da escrita das crianças (Mata, 2008).

É fundamental que a aprendizagem das letras no jardim de infância seja feita de forma contextualizada, ou seja, através da escrita de nomes e/ou palavras que sejam significativas para as crianças, dando resposta às necessidades específicas nas suas tentativas de leitura e de escrita (Mata, 2008). Neste sentido, “(...) o nome próprio tem um papel muito importante e são, muitas vezes, as letras do seu nome as primeiras que a criança começa a identificar, a tentar reproduzir e a saber o nome ou valor sonoro” (Mata, 2008: 38).

No âmbito do domínio do conhecimento das convenções gráficas, segundo Mata (2008: 9) “(...) as crianças vão-se apercebendo de que a escrita tem uma mensagem e de que existe um conjunto de convenções a ela associadas. Gradualmente, quando lhes são dadas oportunidades e quando são estimuladas e incentivadas, vão mesmo reproduzir algumas dessas convenções (...) e passam a utilizar a escrita (...) nas suas mais diversas funções, dando-lhe valor e utilidade”.

Deste modo, é fundamental que o educador proporcione atividades que distingam a escrita do desenho, devendo, assim, mostrar às crianças que estes dois elementos são um meio de transmissão de informação e que partilham o mesmo espaço gráfico. Note-se que as atividades propostas ao longo da intervenção para além de desenvolver esta noção, promove a imergência da escrita.

Por fim, no domínio da compreensão de discursos orais e interação verbal, as atividades propostas têm o intuito de promover a expressão oral. Assim, as atividades centram-se em torno de tarefas de reconto e do diálogo em grande grupo. Note-se que o reconto e o diálogo torna a criança ativa e interveniente, dando-lhe a possibilidade de produzir e organizar o seu discurso. Além disso, e segundo Sousa (1995: 52), “o reconto é um bom indicador da compreensão do texto pela criança, da sua capacidade de assimilação e reconstrução do texto. Permite-nos avaliar o seu conhecimento do guião, a sua capacidade de construir e retomar referência, a sua capacidade de encadear

acontecimentos, de delinear uma certa lógica”. É, ainda, importante mencionar que as atividades que permitem o diálogo e a partilha de ideias, fazem parte integrante do desenvolvimento pragmático das crianças, ajudando-as a aprender a ouvir o outro e a tomar a sua vez (Sim-Sim, 1998).

Segundo as OCEPE (1997: 65) “a aquisição da linguagem oral tem tido até agora uma importância fundamental na educação pré-escolar, pensando-se que a leitura e a escrita deveriam ter lugar no 1º ciclo do ensino básico. É atualmente indiscutível que também a abordagem à escrita faz parte da educação pré-escolar”.

Sendo este aspeto fundamental, a linguagem escrita deverá ser abordada na Educação Pré-escolar, pois as crianças devem possuir conhecimentos e bases acerca da mesma antes de iniciarem o 1º Ciclo, de forma a potencializar e facilitar o processo da aquisição da linguagem escrita. A linguagem é um elemento que se encontra na vida das crianças, pois o código escrito está presente em tudo o que as rodeia, seja em casa, na rua ou na escola.

#### 4.3 Prática Desenvolvida

Passaremos a apresentar a análise e descrição de todo o processo desenvolvido ao longo da prática educativa.

Antes da prática educativa foi necessário realizarmos o conhecimento do local, onde iríamos desenvolver a mesma. Para tal, recorreremos a diversos instrumentos de recolha de dados para a caracterização deste mesmo local.

Durante esta intervenção, pretendemos criar aprendizagens ativas, onde as crianças são o ponto central para a descoberta dos conhecimentos, ou seja, partindo dos conhecimentos já adquiridos pelas crianças e valorizando esses mesmos conhecimentos, proporcionamos novas situações de exploração do mundo e de si mesma.

Após a recolha destes dados, definimos qual a área de intervenção prioritária a desenvolver, estando esta orientada para o desenvolvimento da linguagem oral e a abordagem à escrita. No entanto, apesar de ser esta a área prioritária a desenvolver, todas as outras áreas de conteúdo foram incluídas nas planificações diárias. (Anexo IX)

Assim, desenvolvemos atividades significativas permitindo às crianças “ (...) desenvolver as suas habilidades de criar e relacionar esses conhecimentos, pois só assim elas serão capazes de desenvolver uma linguagem e aprender a dominar todo o tipo de informação” (Salomão & Martini, 2007: 16).

No decorrer da prática foi fundamental proporcionar momentos de interação entre pares e de partilha de saberes. Aliámos os conhecimentos já adquiridos pelas crianças à exploração de novos temas e conhecimentos.

Antes de passarmos à apresentação de algumas atividades realizadas nas diferentes áreas de conteúdo, alertamos o fato de que todas as atividades foram planejadas tendo em atenção o menino com necessidades específicas de educação.

Tentámos ao máximo incluí-lo em todas as atividades de grupo, assim como responsabilizar uma criança, por dia, a ajudar o menino em qualquer situação, e ainda, trabalhámos individualmente de forma a estimular a sua autonomia e a relação com pares, pois, segundo Correia (1997) é “necessário criar ambientes educativos seguros e assegurar aprendizagens que se identifiquem com as suas capacidades e necessidades para que um dia venham a atingir um nível de independência, vida de qualidade e produtiva como membros ativos da sociedade”. Criámos diversas situações individuais com este menino promovendo o seu crescimento pessoal com diversas atividades que achámos propícias ao desenvolvimento do mesmo, nomeadamente a nível de estímulos sensoriais.



Fig. 1 – Atividade de estímulos sensoriais



Fig. 2 – Atividade de estímulos sensoriais

Deste modo, passaremos, então, a apresentar algumas atividades que realizamos nas diferentes áreas de conteúdo, não esquecendo a transversalidade entre as mesmas.

Na área da matemática realizámos um jogo de pesca. Este jogo surgiu do tema que estava a ser trabalhado em sala, nomeadamente, os animais marítimos. Assim, imprimimos diversos animais, de diferentes tamanhos, e cada criança decorou (com diversos materiais, como massas, tecidos, papeis de diversas cores, jornal, revistas e lã) três animais diferentes no dia anterior à realização do jogo. Para o menino com NEE's, permitimos a decoração dos mesmos animais alterando a sua decoração; em vez de

colagem, pensámos que a pintura com lápis de cera seria a melhor opção, para que, ao mesmo tempo que decorava os seus animais, poderia estimular o uso de lápis.



Fig. 3 – Atividade adaptada

No dia da apresentação do jogo apresentámos os animais que as crianças tinham decorado.

De seguida, dividimos o grupo em duas equipas. Tivemos o cuidado de separar o grupo consoante as capacidades de cada criança, para que desta forma uma das equipas não ficasse mais ou menos favorecida.

Após esta divisão, colocamos as duas equipas lado a lado, e os respectivos animais no chão. Explicamos a todo o grupo que não interessava qual o animal que apanhavam, se era o deles ou de um dos colegas, pois o que interessava era apanharem o maior número de animais.

Distribuámos um cana de pesca por cada equipa (cabo de vassoura com um fio de lã que tinha um íman na ponta de forma a apanhar os animais que também tinham um íman no seu verso) e delineamos um ponto até onde as crianças poderiam estar para realizar este mesmo jogo.



Fig. 4 – Pesca em equipas

Cada vez que a criança do início da fila apanha um animal, retirava o mesmo do fio de lã, entregava a cana ao amigo que se encontrava atrás de si, pousava o animal em cima da mesa e voltava ao fim da fila para poder continuar a jogar.

No fim, quando não restava nenhum animal no chão, sentámos todo o grupo no tapete e contamos os animais que cada equipa tinha apanhado. Falámos ainda das características desses mesmos animais, trabalhando o conceito de maior e mais pequeno, mais ou menos quantidade.

Nesta atividade, como podemos verificar, não trabalhamos só conceito ligados à matemática, mas também, a expressão plástica e a formação pessoal e social no que toca à cooperação e espírito de equipa.



Fig. 5 – Diálogo em grupo

Passando para a área das expressões, realizamos uma atividade de expressão motora e dramática. Esta atividade surgiu do tema trabalhado nesta altura, em sala, nomeadamente o dia e a noite. Aproveitámos este tema e desenvolvemos uma atividade diferente, não tão centrada em atividades de mesa.

Recriamos as rotinas habituais de um dia normal. Perguntámos ao grupo como começava o dia em casa de cada um e quais as atividades que realizavam ao longo desse mesmo dia. A partir destas informações desenrolámos, então, um dia normal.

Deitamo-nos no chão, e segundo as nossas instruções, o grupo foi recriando as várias vivências do dia a dia: acordámos, tomamos banho e lavamos os dentes, tomamos o pequeno almoço e seguimos para a escola.

Na escola seguimos as rotinas normais a que o grupo estava habituado e, no fim, recriamos o final do dia. Saímos da escola, fomos brincar ao parque, chegámos a casa e

tomámos banho, jantámos, brincámos no nosso quarto e, por fim, deitámo-nos novamente no chão e ouvimos uma história para adormecer.

Mais uma vez, nesta atividade tivemos em atenção, por um lado, trabalhar de forma diferente o tema que estava a ser desenvolvido na sala, e por outro, desenvolver a linguagem, pelas informações que as crianças nos iam apresentando assim como a formação pessoal e social onde fomentámos a vivência em grupo e o respeito pelo próximo.



Fig. 6 – Atividade do dia e da noite



Fig. 7 – Interação com menino com NEE's

Ainda ligado ao tema do dia e da noite, e mais uma vez, para criar momentos de aprendizagem mais dinâmica, fomos com o grupo até ao recreio da instituição para explicar o movimento de translação e de rotação do planeta através das sombras.



Fig. 8 – Atividade sobre o dia e a noite (sombra)

Como é possível observar na fotografia, junto à parede, existia uma sombra delimitada pelos prédios que cercam o recreio. Em conversa de grande grupo, perguntámos às crianças porque é que só havia aquela sombra no recreio. O grupo ficou um pouco surpreendido com a pergunta e sem saber o que responder. Após a pergunta, e ainda sem qualquer resposta por parte das crianças, marcámos no chão o limite da sombra e deixámos o grupo ir brincar livremente pelo recreio durante trinta minutos.

Depois dos trinta minutos, e ainda antes de voltar para a sala, pedimos ao grupo que se voltasse a sentar no chão para continuar com o diálogo iniciado anteriormente. No início da conversa, pedimos às crianças que vissem, de novo, onde estava a marca deixada por nós e marcar o novo limite de sombra, que estava um pouco mais a frente do limite anterior.

Após a marcação deste limite, sentámo-nos todos no chão, perto da segunda marca e iniciámos o diálogo perguntando o que tinha acontecido à sombra. O grupo, em geral, foi respondendo que a sombra “andou para aqui”. Com tal resposta, continuamos o nosso diálogo explicando o motivo pela qual a sombra se tinha movimentado. Abordámos, então, os termos de rotação e de translação de uma forma suave de modo a ser compreendida por todo o grupo.

Com esta atividade, permitimos que o grupo se interrogasse a si mesmo numa tentativa de pensamento lógico, e ainda, que comunicasse os seus pensamentos e ideais,

fomentando assim a linguagem oral. Esta atividade serviu-nos ainda para trabalhar as questões do conhecimento do mundo.

Por fim, e apresentando assim a nossa última atividade incidindo sobretudo na nossa área de intervenção, falemos de uma atividade relacionada com o tema dos golfinhos (tema presente no projecto de sala da educadora cooperante).

Nesta atividade apresentamos uma história ao grupo de forma a trabalhar a linguagem. Esta história foi trabalhada a partir de um avental de história onde cada imagem da história era colada ao avental.

Á medida que a história ia sendo contada, fomos fazendo várias perguntas ao grupo de modo a tirar eventuais dúvidas, promovendo assim a participação de cada um e ainda, a linguagem oral.



Fig. 9 – História com avental

Assim como as perguntas iam sendo feitas ao longo da história, também as imagens respetivas aos intervenientes iam sendo coladas no avental das histórias.



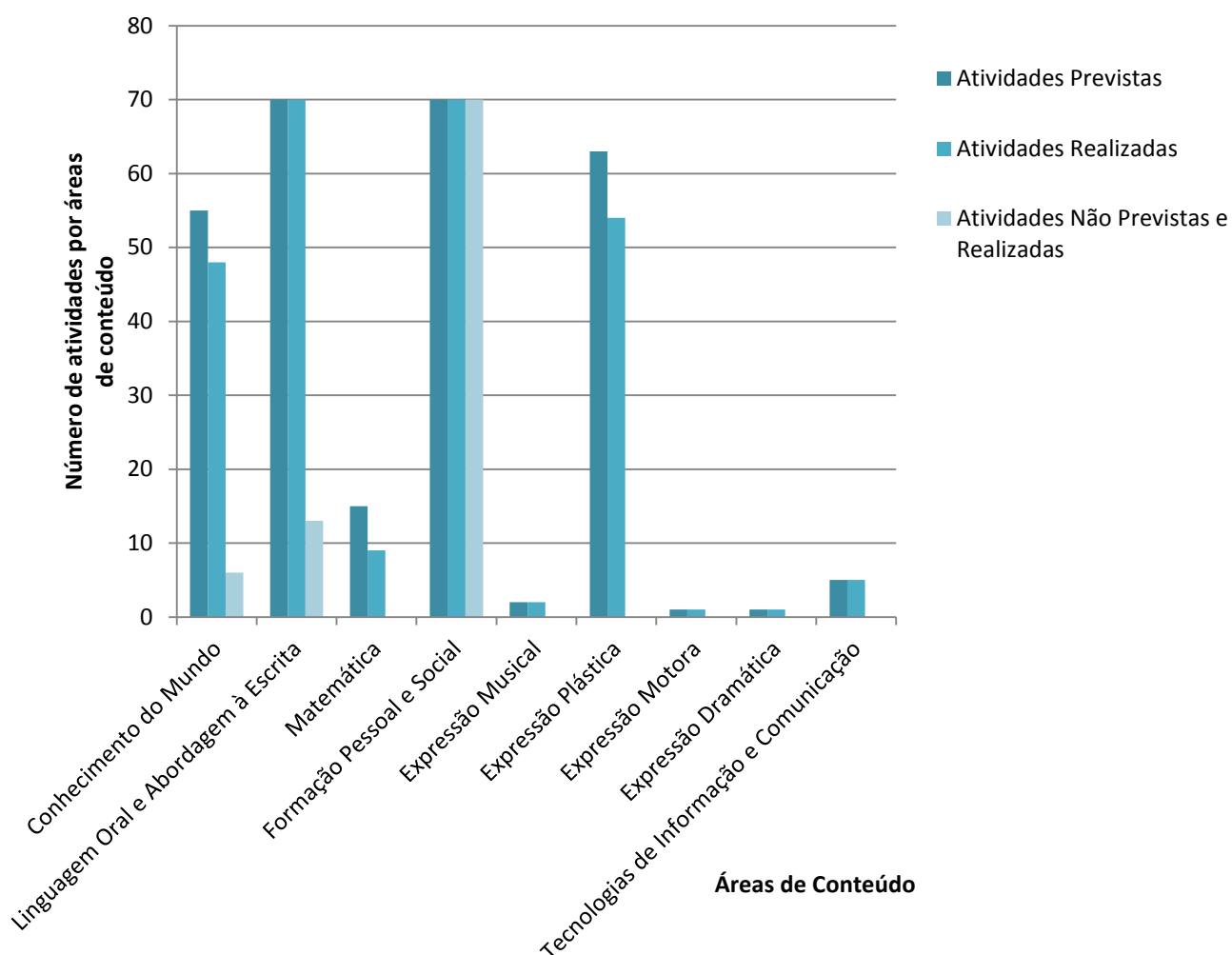
Fig. 10 – Avental com história completa

Por fim, com a história terminada, realizámos um pequeno diálogo onde cada criança apresentou e justificou o momento da história que preferiu. Mais uma vez, esta atividade permitiu-nos trabalhar a formação pessoal e social no que toca ao à vontade de cada criança falar sem ter medo dos julgamentos que possam ser feitos a partir daí, e ainda, a nossa área de intervenção.

De forma geral, as atividades realizadas ao longo de todo o estágio, assim como estas atividades apresentadas, correram bem e o grupo mostrou-se entusiasmado na realização das mesmas.

É ainda de realçar que, ao longo de todo o tempo de intervenção, tivemos o cuidado de trabalhar todas as áreas de conteúdo, não só através da transversalidade, mas também com atividades dirigidas a uma área de conteúdo. Assim, no gráfico seguinte estão apresentadas o número de vezes em que abordámos as diversas áreas de conteúdo:

**Gráfico I**  
**Áreas de Conteúdo Trabalhadas**



A contagem destas atividades foi possível recorrendo às planificações diárias realizadas para cada dia de estágio.

Como é possível verificar no gráfico apresentado, ao longo de todo o ano desenvolvemos atividades nas seguintes áreas de conteúdo: conhecimento do mundo, linguagem oral e abordagem à escrita, matemática, formação pessoal e social, expressões, e ainda, as tecnologias de informação e comunicação.

Justificando a existência deste gráfico, passaremos a apresentar as justificações dos resultados obtidos.

No que toca à área do Conhecimento do Mundo, esta foi uma das áreas com elevado grau de trabalho pois na maior parte do ano letivo a educadora planeou o projeto curricular de forma a abordar os oceanos e os animais que viviam nos mesmos, abordando ainda as diferenças e semelhanças entre os animais.

A área da linguagem oral e abordagem à escrita apresenta os valores mais altos por ser a área de conteúdo associada à nossa problemática. Em todas as atividades realizadas com o grupo, de acordo com o projeto da educadora cooperante, tentámos sempre apresentar atividades no seguimento desta área de forma a cumprir os objetivos estabelecidos no início do ano.

A área da matemática foi abordada de uma forma transversal, ou seja, em algumas das atividades apresentadas, tentámos trabalhar diversas áreas de conteúdo. Nenhuma das atividades incidiu, ou foi planeada, na respetiva área, mas foi trabalhada com o desenrolar de outras.

Assim como a área da linguagem oral e abordagem à escrita, a área da formação pessoal e social apresenta, igualmente valores elevados, isto porque associadas a todas as outras áreas, a área da formação pessoal e social está sempre implícita em todas as atividades, mesmo no nosso dia a dia. É com esta área que conseguimos incutir às crianças questões como valores e atitudes a ter com o resto do grupo, assim como com os adultos. Por isso, em todas as nossas atividades tivemos o cuidado de planear as mesmas, tendo em atenção esta área.

No que toca à área das expressões, conseguimos trabalhar esta área na globalidade, ou seja, conseguimos trabalhar todos os seus subdomínios, ainda que estas apresentem um nível de atividades realizadas mais baixas. Ao nível da música, proporcionámos ao grupo momentos de interação comum, ou seja, apresentámos músicas novas e construímos músicas novas a partir de um determinado tema.

No subdomínio da expressão plástica, esta apresenta também um elevado número de atividades realizadas, porque, como já referido anteriormente, a área do conhecimento do mundo foi muito desenvolvida e trabalhada através de atividades deste género, pois, sentimos que com estas atividades o grupo apresentava-se mais entusiasmado e recetivo ao tema.

A área da expressão motora e da expressão dramática apresenta valores mais baixos devido às poucas atividades realizadas e já apresentadas anteriormente no ponto da prática desenvolvida deste mesmo relatório. Aproveitámos o desenvolvimento de alguns temas para os conduzir de forma mais lúdica e interativa, na esperança de não deixar as atividades de expressão plástica caírem na rotina do grupo.

Por fim, a área das tecnologias de informação e comunicação, embora apresentem uma taxa de atividades baixa, foi também uma área em que desenvolvemos muitas atividades relacionadas com o conhecimento do mundo, pois com o auxílio do computador apresentámos diversos vídeos ao grupo de forma a introduzir alguns temas, nomeadamente, os animais, para que o grupo observasse como é a vida e o dia a dia dos animais falados em sala.

#### 4.4 Atividades mais significativas em contexto de estágio

Durante o desenrolar de toda a prática tentámos sempre cumprir as atividades propostas na Planificação Curricular Anual. Esta planificação não foi, de todo, cumprida por terem havido momentos durante a prática educativa que fugiram ao controle de toda a situação.

De qualquer forma, todas as atividades realizadas com o grupo, em sala, foram pensadas, planificadas e desenvolvidas tendo sempre em vista a problemática anteriormente apresentada.

Assim, passamos de seguida a apresentar as atividades que, na nossa opinião, achamos que foram as mais significativas, nomeadamente: o dia e a noite, ordenação de um poema relativo, ainda, ao dia e à noite e, por fim, como se escrevem os nomes dos planetas.

A atividade do dia e da noite tem como objetivo trabalhar a noção de palavra, sílaba e letra, que vão ao encontro dos domínios da consciência fonológica e do reconhecimento e escrita de palavras. (Metas de Aprendizagem para a educação pré-escola, 2010).

Deste modo, e num diálogo inicial em tapete de forma a introduzir assim a comunicação oral, perguntámos às crianças se tinham alguma ideia de como se formavam as palavras dia e noite. Procedemos de seguida à separação silábica das duas palavras, trabalhando a separação silábica e a consciência fonológica.

Seguidamente, dividimos as crianças em pequenos grupos, de forma a acompanhar eficazmente o processo de escrita das palavras. Sentados na mesa de trabalho, foram apresentados às crianças pequenos cartões com a palavra, sílabas e letras das respetivas palavras.

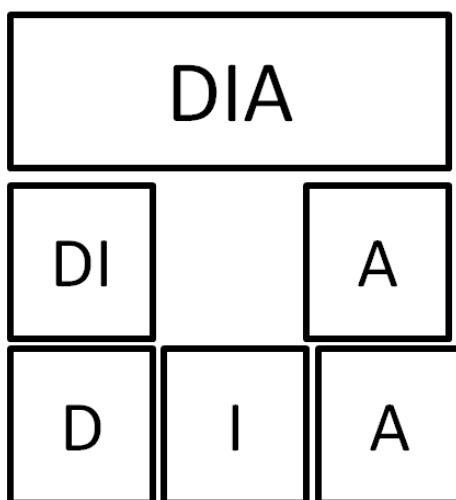


Fig. 11 – Cartões apresentados aos grupos



Fig. 12 – Cartões apresentados aos grupos

Posteriormente, fizemos um pequeno jogo com os diversos grupos de forma a detetar possíveis dúvidas individuais relacionadas com a formação das palavras.

Pedimos ao grupo que identificasse as letras do cartão que apresentava a palavra completa, e de seguida pedimos que, mais uma vez, a dividissem silabicamente, identificando, de seguida, quais os cartões que apresentavam as sílabas que tinham descoberto. Já na fase final, cada criança de cada grupo identificou as letras isoladas das respetivas palavras e colocou-as de baixo dos cartões das sílabas.

Em todos estes procedimentos tivemos o cuidado de pedir aos pequenos grupos/crianças, que fossem colocando os cartões por baixo uns dos outros (tal como mostram as figuras) de maneira a terem, também, uma perceção visual da formação das palavras.

Seguidamente, e terminando assim a atividade, o grupo foi convidado a escrever as palavras, sílabas e letras numa folha A4 dividida em seis.

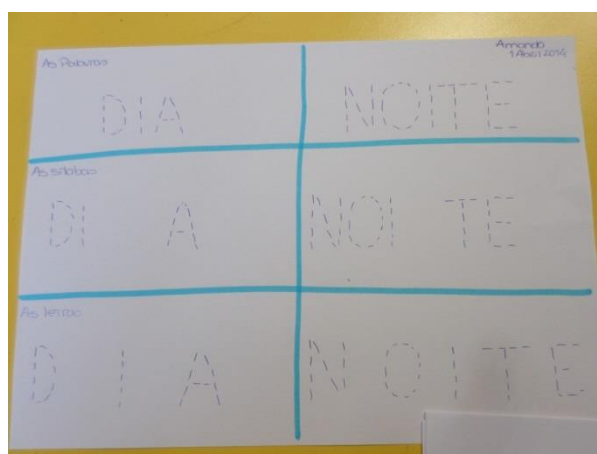


Fig. 13 – Atividade de escrita

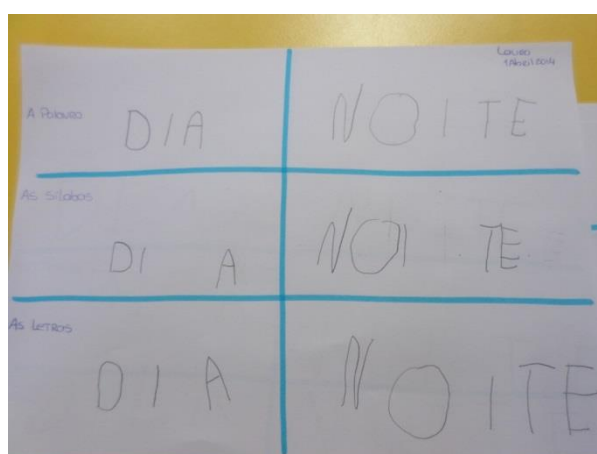


Fig. 14 – Atividade de escrita

A segunda atividade que achamos pertinente apresentar diz respeito à construção de um poema. Também em momento de tapete, apresentamos ao grupo o poema relativo ao dia e à noite. Pedimos que tomassem atenção ao fim de cada frase, ou seja, à última palavra da mesma.

Vimos que cada palavra possuía uma terminologia diferente (nas palavras que não rimavam) ou uma terminologia igual (em caso de palavras que rimavam), e comparamos essas mesmas palavras entre si: percebemos o porquê de rimarem, o modo como são formadas e qual a divisão silábica das mesmas.

Relemos novamente o poema e no fim de cada verso fomos lembrando quais as palavras que rimavam e o porquê, e ainda pedimos às crianças que pensassem em palavras que rimassem com as palavras encontradas no poema.

Mais uma vez, dividimos as crianças em pequenos grupos e, na mesa dos jogos, apresentámos o poema dividido em frases.

<b>CHEGANDO A NOITE DEVAGARINHO</b>
<b>VEJO NO CÉU A BRILHAR</b>
<b>A LUA E AS LINDAS ESTRELINHAS</b>
<b>ENFEITANDO ATÉ O DIA RAIAR</b>

Fig. 15 – Frases do poema

<b>QUANDO ACORDO BEM CEDINHO</b>
<b>VEJO QUE É UM LINDO DIA</b>
<b>POIS O SOL ESTÁ A BRILHAR</b>
<b>TRAZENDO LUZ, CALOR E ALEGRIA</b>

Fig. 16 – Frases do poema

Entregámos aos diferentes grupos, cada um na sua vez, duas folhas de papel A4 impressas com as frases do poema (como mostram as figuras 5 e 6, respetivamente). Estas folhas tinham o objetivo de ajudar os grupos a terem uma perceção visual da construção do poema.

Depois de entregues as folhas aos grupos, partimos para a construção do poema. Baralhamos as diferentes frases do poema, que estavam impressas e plastificadas de modo a ficarem mais resistentes, e dividimos as 8 frases do poema pelas crianças (2 frases por criança).

De seguida, deixámos as crianças explorarem, livremente, todas as frases do poema, também com o objetivo de conseguirem identificar as letras e as terminologias de todas as palavras de modo a conseguirem associar quais eram as palavras que se apresentavam de forma idêntica.

No fim, cada grupo foi convidado a identificar palavras (não contidas no poema) que rimassem com as palavras finais de cada frase.

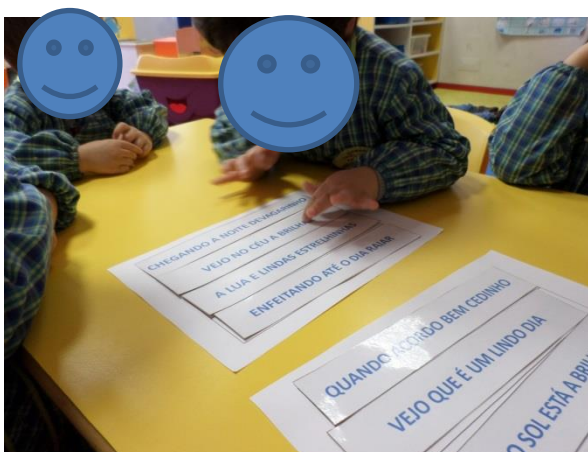


Fig. 17 – Crianças a construírem o poema



Fig. 18 – Crianças a construírem o poema



Fig. 19 – Crianças a construírem o poema

Por último, e apresentando desta forma as nossas três atividades mais significativas, realizámos com as crianças diversas atividades relativas ao Sistema Solar. Destas atividades destacamos o conhecimento e escrita dos nomes dos planetas.

Imprimimos os diversos planetas, o mais leal possível para desta forma não perder o rigor científico, e apresentámos às crianças as respetivas imagens numa conversa, no tapete da sala, introduzindo assim o tema.

Apresentámos então ao grupo as respetivas imagens dos diversos planetas e, todos juntos, falámos um pouco sobre as características visíveis de cada um deles, partindo depois para a identificação nominal de cada um (etiquetando-os).

Identificamos as sílabas de cada palavra assim como as letras que compõem os nomes dos planetas e ainda associamos as diversas letras aos respetivos nomes das crianças.

De seguida, entregámos aleatoriamente, a cada criança, um cartão que continha um nome de um determinado planeta ou corpo celeste, e, de seguida, perguntámos às crianças qual o nome que tinham no cartão.

Posteriormente, cada criança escreveu o nome do seu cartão num espaço destinado ao mesmo. Com todos os cartões preenchidos pelas crianças, afixamos as imagens, por ordem, e à vez cada criança afixou o cartão junto do seu planeta/corpo celeste respetivo.



Fig. 20 – Associação e escrita de nomes dos planetas



Fig. 21 – Associação e escrita de nomes dos planetas



Fig. 22 – Os nomes dos planetas e corpos celestes



Fig. 23 – Os nomes dos planetas e corpos celestes



Fig. 24 – Os nomes dos planetas e corpos celestes



Fig. 25 – Os nomes dos planetas e corpos celestes



Fig. 26 – Os nomes dos planetas e corpos celestes



Fig. 27 – Os nomes dos planetas e corpos celestes

## 5 Reflexão crítica

### 5.1 Resultados alcançados

Depois de analisados os dados recolhidos ao longo de toda a prática pedagógica, relativamente à área da linguagem, passamos a descrevê-los de modo a compreender toda esta ação educativa.

Após a primeira avaliação ao grupo (Anexo VII) podemos verificar que a área da linguagem oral e abordagem à escrita foi a área apresentada com maiores fragilidades, que foram, na sua maioria, colmatadas com a nossa intervenção.

Trabalhamos os diferentes subdomínios desta área de modo a ajudar todo o grupo uniformemente, sem esquecer que cada ser é único e possuem diferentes formas de aprendizagem.

No domínio da consciência fonológica, os objetivos propostos foram alcançados pela maior parte do grupo e as atividades relativas a este subdomínio foram aceites de igual forma. Isso é, as crianças foram capazes de fazer a separação silábica de diferentes vocábulos, elaborar pequenas rimas, identificar palavras com o mesmo início ou terminologia.

No domínio do reconhecimento e escrita de palavras, foi notória a evolução da maior parte do grupo. Pudemos verificar que ao longo de todo o ano o grupo mostrou-se

recetivo à escrita de palavras, conseguindo, já no fim do ano, escrever diversas palavras ditadas pelo adulto, letra a letra, e, também pudemos verificar que o grupo conseguiu utilizar diversos materiais de escrita.

No domínio das convenções gráficas, conseguimos, em algumas crianças concretizar algumas competências, nomeadamente: identificar letras a sons, orientar rótulos sem desenhos e produzir letras maiúsculas e minúsculas.

No domínio da compreensão de discursos orais e interações verbais verificámos que o grupo, ao longo do tempo, foi desenvolvendo as suas competências de interação, seja em diálogos de grande grupo expondo os seus pontos de vista e ideias, assim como em diálogos de pequenos grupos, em brincadeiras livres, o que fomentou a vivência do grupo.

Assim, e após esta breve explicação, pudemos concluir que todos os objetivos apresentados e competências delineadas foram concretizados pelo grupo, trazendo consequências positivas ao mesmo, como podemos ver na lista de verificação de competências. (Quadro 1)

<b>Linguagem Oral e Abordagem à Escrita</b>		
	Adquirido	Em aquisição
Consciência Fonológica	11	3
Reconhecimento e Escrita de Palavras	10	4
Conhecimento das convenções gráficas	10	4
Compreensão de discursos orais e interação verbal	12	2

Quadro 1 – Dados da aplicação no final do ano com base na checklist da área de intervenção prioritária

Por fim, queremos ainda reforçar a ideia que tentámos, ao máximo trabalhar todas as áreas de conteúdo através da nossa área de intervenção prioritária, assim como a transversalidade entre as mesmas, de modo a proporcionar momentos de aprendizagens mais ricas e completas.

## 5.2 Avaliação diagnóstica e final

Neste período de intervenção em contexto de estágio, vários foram os momentos que tivemos de avaliação, nomeadamente, os períodos de observação que nos

permitiram realizar uma avaliação diagnóstica em diversos campos, como o meio, a instituição, a sala e o grupo.

Depois das primeiras avaliações realizadas pudemos verificar que existiam algumas fragilidades a diversos níveis.

Por um lado, em relação à formação pessoal e social no que toca ao saber esperar pela sua vez, o permanecer no seu lugar enquanto espera pelo início de uma nova atividade, ou até mesmo durante a leitura de uma história. Também nos foi possível verificar que, relativamente aos diálogos em grande e pequeno grupo, a maior parte das crianças mostraram-se um pouco inibidas quando era pedida a sua participação nos mesmos diálogos.

Por outro lado, as fragilidades encontradas iam também de encontro à área da linguagem oral e abordagem à escrita. Notámos, nos primeiros dias de observação que o grupo sentia algumas dificuldades, relativamente, à escrita do seu próprio nome assim como ao reconhecimento escrito de algumas letras, e ainda, o emprego de algumas palavras em determinados contextos.

Salientamos que, ao longo do tempo, o grupo veio a mostrar melhorias em relações a estes dois pontos anteriormente apresentados. Juntando estes dois pontos, por um lado a formação pessoal e social, e por outro a linguagem oral, realçamos as conversas em grupo, pois, em brincadeiras de pequeno grupo, as crianças conseguiram tornar os diálogos e as conversas mais ricas em conteúdo e apropriadas ao contexto.

Após a verificação dos dados recolhidos através das listas de verificação de competências (Anexo VII) apresentaremos a evolução do grupo, ao nível de todas as áreas de conteúdo (Anexo XIV)

Na área da formação pessoal e social, podemos verificar que ao longo do tempo, o grupo adquiriu algumas competências pretendidas. Conseguimos através das atividades realizadas em sala que o grupo ultrapassa-se as suas dificuldades ao nível da cooperação e da relação com os pares. Sentimos, e pudemos observar na lista de verificação de competências que o grupo se tornou mais ativo e participativo em diálogos, conversas, brincadeiras e aceitação das diferenças dos restantes elementos.

Relativamente às áreas das expressões, falaremos dos resultados por domínios fazendo um comentário geral do final.

No domínio da expressão motora, o grupo revelou aquisição de competências no que respeita à motricidade fina. No início do ano, notámos que o exercício da escrita, e do uso dos respetivos materiais, não estava a ser bem praticado. Notávamos que o grupo

sentia alguma dificuldade em agarrar de modo correto um lápis ou até mesmo um pincel. Durante as atividades que fomos realizando, tivemos este aspecto em conta e em cada atividade de escrita ou de pintura alertávamos as crianças, individualmente, sobre o modo correto de segurar no lápis/pincel, de forma a colmatar esta fragilidade.

No domínio da expressão dramática, o grupo encontrava-se sem qualquer tipo de fragilidade. Notámos que as crianças gostavam de brincar na área de casinha, e que as atividades realizadas neste domínio eram bem aceites, mas, ainda assim, o grupo preferia realizar outro tipo de atividades.

O domínio da expressão plástica foi um dos domínios mais trabalhados com o grupo. Neste domínio, tivemos a oportunidade de realizar tarefas que nos possibilitaram colmatar dificuldades encontradas noutras áreas, como o caso da formação pessoal e social, assim como no caso da área da linguagem oral e abordagem à escrita.

Como podemos verificar na lista de verificação de competências, o grupo mostrou ser mais crítico relativamente aos trabalhos que desenvolviam. Comentavam o que tinham acabado de elaborar e pediam a opinião do adulto acerca dos mesmos, assim como, melhoraram o fato de utilizarem corretamente os materiais de escrita.

Passando à nossa área de intervenção prioritária, a linguagem oral e abordagem à escrita, o grupo, no geral, evoluiu nesta área. Por um lado, no início do ano, o grupo apresentou ser um grupo calmo e com algumas dificuldades na comunicação; por outro, no final do ano, notámos que nos diálogos de grande grupo, havia uma maior participação de todas as crianças. (Anexo X e anexo XI)

O fato de realizarmos diálogos regulares entre o grupo ajudou a que estas competências fossem adquiridas, tais como: aquisição de novo vocabulário, a construção frásica, as concordâncias entre géneros e tempos, a partilha de acontecimentos ou até sentimentos.

Como dito anteriormente, as atividades realizadas no âmbito do domínio da expressão plástica ajudaram o grupo a adquirir competências na área da linguagem. Notámos que no princípio da nossa intervenção, o grupo mostrava pouca confiança quando confrontado com a escrita ou atribuição de significados a letras/palavras. Através da expressão plástica pudemos colmatar essas falhas e, assim, ajudar o grupo a evoluir, como por exemplo: em todos os trabalhos pedimos a cada criança que identificasse o seu desenho/trabalho (estimulando desta forma a escrita do seu próprio nome).

Executámos diversas atividades de escrita, de separação silábica, de convenções gráficas, o que, na nossa opinião, teve um valor significativo para as crianças, pois, através dos resultados obtidos, pudemos concluir que o grupo se sente mais à vontade com a escrita e com o domínio desta área, inventando diversos momentos de escrita e escrevendo, o que o adulto lhes soletrava.

Na área da matemática, partilhámos com o grupo diversos momentos em tapete onde fizemos pequenos jogos com os brinquedos que se encontravam na sala. Com os legos, trabalhamos a seriação por tamanhos e cores. Existiram momentos de alguma confusão, mas com a implementação destes pequenos jogos, o grupo foi evoluindo e conseguindo realizar este tipo de atividades. Também foi feita a contagem de elementos numa caixa, assim como pequenas somas (inicialmente através de brinquedos, de seguida através dos dedos, e finalmente, por raciocínio lógico sem qualquer tipo de instrumento de apoio).

Por fim, na área do conhecimento do mundo, o grupo também mostrou adquirir competências úteis para o seu dia a dia. Estas competências foram realizadas através de pequenos trabalhos feitos com o auxílio do computador em sala. Houve momentos em que esta área foi muito trabalhada, nomeadamente no tema dos oceanos e dos animais em vias de extinção, assim como o universo. Antes de qualquer tipo de diálogo, pedíamos ao grupo que partilhasse conosco o que sabiam relativamente a um determinado tema, e caso não houvesse nenhuma conclusão, partiríamos à descoberta de novas informações.

Para terminar, achamos pertinente salientar as OCEPE (1997: 18), nomeadamente, quando existe um plano curricular estruturado, pois este “implica uma organização intencional e sistemática do processo pedagógico, exigindo que o educador planeie o seu trabalho e avalie o processo e os seus efeitos no desenvolvimento e aprendizagens das crianças”.

### 5.3 Validação de resultados

No geral, a linguagem foi abordada de diversas formas permitindo a conquista de diversas competências, não só nesta área, assim como todas as outras áreas de conteúdo.

Durante a nossa intervenção, tivemos o cuidado e preocupação de não descuidar aquela que era a nossa área de interesse, assim, utilizámos diversas atividades, como: construção de poemas, conto de histórias, diálogos em pequeno e grande grupo sobre os

mais diversos temas, proporcionar momentos livres para criar laços entre grupo/adulto, criar momentos de contacto com diversos livros e inventar histórias e músicas.

Desta forma, e como é possível verificar na lista de verificação de competências, achámos que a nossa prática teve um efeito positivo neste grupo.

## **6 Conclusão reflexiva**

Finalizando assim a nossa prática educativa, achamos pertinente apresentar algumas considerações sobre a nossa intervenção.

Durante o tempo passado na instituição que nos recebeu para o exercício da nossa prática, foi-nos possível verificar diversas formas de trabalhar com um grupo, isto é, pudemos verificar as diversas estratégias utilizadas pela educadora adequadas a cada criança.

Por vezes, existiram algumas adversidades no que concerne à nossa prática. Por motivos pessoais, a educadora cooperante ausentou-se a meio no ano letivo, o que nos fez quebrar, um pouco, a continuidade da nossa prática. Esta quebra foi solucionada com a vinda de uma nova educadora que nos acompanhou e ajudou na resolução de problemas e aquisição de novas ideias para atividades.

Por um lado, o fato de termos tido a oportunidade de ter acompanhamento diário, quer na sala de estágio, quer em atendimentos supervisionados, também nos permitiu continuar com a nossa prática da melhor forma. Por outro, a possibilidade de relacionar conhecimentos adquiridos da nossa formação académica ajudou-nos a construir conhecimentos significativos que nos permitiram ultrapassar certas barreiras.

O fato de trabalharmos segundo ação-reflexão-ação, serviu-nos em diversas reflexões diárias que nos possibilitaram planear de forma adequada e melhorada, as nossas estratégias de intervenção.

Apontamos também a importância de praticar uma ação educativa centrada nos alunos. Por vezes, houve momentos, que tivemos de repensar nas estratégias utilizadas; certas vezes sentimos que as estratégias que escolhemos não eram as indicadas ao grupo, e por isso, tivemos de delinear novas estratégias. Com isto, queremos deixar a ideia que a ação deve de ir ao encontro das necessidades de cada criança de forma a colmatar o maior número de necessidades demonstradas pelas mesmas.

Relativamente à nossa área de intervenção, a linguagem foi, de uma forma geral, abordada de diferentes formas, recorrendo a diversos objetos, estratégias e atividades. Tivemos sempre em atenção as capacidades e dificuldades que o grupo mostrava, assim

como, proporcionar momentos livres de brincadeira onde o grupo pudesse aprender a brincar, através de jogos criados para a área dos jogos na sala.

Para terminar, fazemos uma avaliação positiva deste nosso ano de intervenção dado que este teve influências positivas no grupo que acompanhámos, assim como nas nossas próprias vidas.



## **Referências bibliográficas**

**ALVES, D., COSTA T. e FREITAS, M.J.** (2007). *O Conhecimento da Língua: Desenvolver a Consciência Fonológica*. Lisboa: Ministério da Educação – Direção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.

**CORREIA, L.M** (1997). *Alunos com necessidades educativas especiais na classe regular*. Porto: Porto Editora.

**DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO BÁSICA** (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.

**HOHMANN, M. & WEIKART, D.** (2011). *Educar a criança*. 6ª Edição. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian.

**MATA, L.** (2008). *A Descoberta da Escrita*. Lisboa: Ministério da Educação – Direção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular

**RIGOLET, S.** (2000). *Os três P – Precoce, Progressivo, Positivo. Comunicação e linguagem para uma plena expressão*. Porto Editora.

**SALOMÃO, E. & MARTINI, M.** (2007). *A importância do lúdico na educação infantil: enfocando a brincadeira e as situações de ensino não direcionado*.

**SIM-SIM, I.** (1998). *Desenvolvimento da Linguagem*. Lisboa: Universidade Aberta

**SIM-SIM, I., SILVA, A., NUNES, C.** (2008). *Linguagem e Comunicação no Jardim de Infância*. Textos de Apoio para Educadores de Infância. Lisboa: Ministério da Educação – Direção Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.

**SIRAJ-BLATCHFORD, I.** (s.d.). *Manual de desenvolvimento curricular para a educação de infância*. Texto Editores.

**SOUSA, O.** (1995). *Reconto e Aquisição da Gramática Textual*. Ler Educação II.

## **Anexos**

Anexo I – Tabela referente ao pessoal docente e não docente

Anexo II – Planta da Sala Vermelha

Anexo III – Registo Fotográfico da Sala Vermelha

Anexo IV - Despacho Conjunto n.º 268/97, de 25 de Agosto

Anexo V – Avaliação dos Espaços e Materiais no Jardim-de-Infância

Anexo VI – Grelha de constituição do grupo de crianças

Anexo VII – Lista de Verificação de Competências Gerais (inicial)

## Anexo VIII – Planificação Curricular Anual

Anexo IX – Lista de Verificação de Competências: Linguagem Oral e Abordagem à  
Escrita (inicial)

Anexo X – Lista de Verificação de Competências Gerais (final)

Anexo XI - Lista de Verificação de Competências: Linguagem Oral e Abordagem à  
Escrita (final)